

# Teatro



O TEATRO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE MOÇAMBIQUE

*apresenta*

Colaboração de Henrique Guedes Pinto



# Índice do Teatro

Descrição	Página
Índice	2
• Quarenta anos depois... (recordando)	3 e 4
• Foto dos Fundadores e Cronologia das Peças	5 a 7
• Convite para o 1º Espetáculo do TEUM	8
• 2º Espectáculo	9 a 13
• Certidão de Nascimento dos Teatros de Estudantes.	14
• Algumas notícias da Imprensa	15 a 20
• Convite de 06. Set.1968	21 e 22
• Fotos e Cartazes	23 a 25
•	

## **21 E MARCO DE 1967 / 21 MARCO DE 2014: TEUM "O Velho da Horta"**

Apos a apresentação dos seus primeiros espetáculos a 20 de Novembro de 1965, o TEUM enfrentou um período longo de paragem.

Entre os vários motivos a principal razão deveu-se ao afastamento de Jorge Mano do grupo. Jorge Mano tivera o grande mérito de fazer um espetacular Diabo no "Auto da Barca do Inferno". Sobre esta personagem sempre em cena recaía o ritmo da peça contracenando com as outras personagens que iam chegando à praia apos a morte, todas elas desejando entrar na Barca do Céu mas sendo, na maioria, encaminhadas para a do Inferno. A figura esguia, a ágil movimentação e a voz faziam do Jorge Mano um perfeito Diabo.

Ora Jorge Mano anunciou apos a serie de alguns espetáculos que não poderia mais estar ligado ao grupo. De nada valeram os inúmeros apelos para que continuasse.

Não havia quem estivesse à altura de o substituir. Eu ainda fui escolhido de entre vários colegas para o substituir, mas a tarefa era difícil e exigia tempo. Creio que foi Antero Sobral que disse: "Poderá fazer um bom Diabo, mas precisa de muito ensaio e para já não está pronto".

E tempo era o que nós não tínhamos, até porque este impasse ia desmobilizando outros elementos do grupo.

Matos Godinho, apos consulta com outros elementos da Direção Artística, decidiu-se por encenar novas pecas. Recorreu novamente a Gil Vicente, na tradição do TEUC, e apresentou ao grupo duas pecas em um acto "O Velho da Horta" e "Quem tem Farelos?"

A escolha de actores começou. Cipriano Justo voltou a ser afidalgado no Quem tem farelos tendo Maria da Luz Portugal como a pretendente. No Velho da Horta o papel parecia talhado para o Ajax Machado. Aluno de Medicina com 50 e muitos anos, o Ajax era um "bon vivant" de farras e noites que retomara os estudos apos a abertura da Universidade em Lourenço Marques por aposta com o irmão, e fizera um memorável Sapateiro no "Auto a Barca do Inferno".

Naturalmente tinha figura e a voz que a idade lhe conferia para o personagem do Velho da Horta. Porem foi decidido, talvez pela experiencia passada com o Diabo que não tivera duplo para ser substituído se necessário, que eu também ensaiaria o papel.

E assim foi por vários meses, ensaiando alternadamente o velho. Para mim com 19 anos fui recriando um personagem arqueando as pernas, dobrando a espinha, enrouquecendo a voz tentando inflexões de apaixonado ridículo acentuado com ataques de tosse.

Para o papel de a Rapariga a Gigi, jovem, bela e fresca, foi a escolha perfeita. A Teresa Lopes foi uma convincente Alcoviteira/Casamenteira, a Marieta Rebelo a mulher do velho, a Isabel a rapariguinha e outros preencheram os restantes papéis.

Os ensaios arrastaram-se meses e alguns referiram que, ao contrário do primeiro espetáculo que se seguia a encenação de Paulo Quintela do TEUC, neste caso era uma encenação original de Matos Godinho que assumira sozinha essa tarefa.

A dada altura houve que acelerar a preparação do espetáculo. Num ensaio Matos Godinho e os restantes membros da Direção Artística, compararam as interpretações do Ajax Machado e a minha no papel do Velho da Horta. Para minha surpresa fui o escolhido.

A encenação teve o apoio do António Quadros nos belíssimos figurinos e nos cenários. Nos figurinos lembro-me da saia da Rapariga/Moça a preto e branco a camisa branca, as cores escuras no traje do Velho com uma capa preta forrada a vermelho. Era importante essa capa pois quando o Velho viu e se apaixonou pela Moça sentava-se e deixava cair a capa vendo-se uma mancha vermelha e causando um forte impacto visual.

O cenário foi concebido como biombos feitos em bambu representando vegetação no espaço da horta e com uma fonte em forma de carantonha de onde forrava um pano verde representando a agua e à esquerda a igreja com um tecido vermelho, tudo sobre um fundo negro. O Alexandre Coelho foi o responsável pela sua construção a partir de bambus e esquemas do António Quadros. Creio que poucos se aperceberam do esforço que representou essa tarefa. Foi tudo feito numa das salas do subsolo da Faculdade de Medicina em condições irrespiráveis devido a nuvem de pó de bambu...

Curiosamente, muitos anos mais tarde, quando já em Portugal fui visitar o Quadros na sua Casa Amarela ao pé de Tondela, estivemos sentados num banco na sua horta ao pé de uma fonte em pedra com uma carantonha de onde jorrava da boca água...

O espetáculo decorreu da melhor maneira. O texto de Gil Vicente atingia a máxima beleza quando o Velho perseguindo a Moça pela Horta lhe dizia:

"Colhei, rosa, dessas rosas, minhas flores, colhei flores. Quisera que esses amores foram perlas preciosas e de rubis o caminho per onde is, e a horta d'Ouro tal, com labores mui sutis, poisque Dous fazer-vos quis angelical. Ditoso he o jardim que está em vosso poder: *Podeis, senhora, fazer delle o que fazeis de mim*".

A marcação levava a que o Velho tivesse colocado na orelha uma rosa colhida na horta pela Moça, que era presa com um elástico. Ora na estreia, sem eu o notar devido a peruca, a rosa caiu ao chão ao pé do banco. Por trás das bambolinas negras vários colegas e o ponto agitavam-se a tentarem chamar-me atenção para o facto, mas eu via-os gesticulando, não percebia porquê e não desejava distrair-me do meu papel. Foi por acaso que ao sentar-me vi a rosa no chão e a recoloquei permitindo que as deixas seguintes, em que a rosa era mencionada, fizessem sentido. Para o espectador tudo fora programado, mas na verdade não o foi...

A aceitação da peça e da representação global foi muito positiva. No jornal Notícias Guilherme de Melo publicou uma crítica muito favorável. O espetáculo tinha algo de mágico como pode ser visto na foto anexa, que julgava perdida, até que há dias a minha mãe me entregou um lote de fotos que guardara e entre as quais estava essa do Velho com a Moça tirada pelo fotógrafo da Faculdade de Medicina.

47 anos passaram.

Que é feito de Matos Godinho? Da Teresa Mota? Da Ana Maria Branquinho?

Há alguns anos falei com o Prof. Simões de Carvalho. O nosso Reitor Prof Veiga Simão esta recuperado de uma intervenção e muitos dos actores e actrizes estão contactáveis. A Gigi em Aveiro, a Marieta em Lisboa, a Teresa Lopes está agora em Sintra. E eu Prof Cat aposentado em Paço de Arcos.

Seria interessante saber se nos poderíamos encontrar num almoço a 20 de Novembro quando o TEUM fizer 50 anos.

Um forte abraço do amigo,  
Henrique Guedes-Pinto





FOTO dos Fundadores do TEUM, tirada na escadaria da Faculdade de Medicina

Caros amigos,  
Caros membros do TEUM,

Foi há cerca de 49 anos no Teatro Avenida em Lourenço Marques, a 20 de Novembro de 1965, que o Teatro dos Estudantes Universitários de Moçambique se apresentou pela primeira vez com um espetáculo de obras de Gil Vicente.

Foi o culminar de meses de ensaios no anfiteatro da Faculdade de Medicina sob a orientação de Matos Godinho, coadjuvado por vários outros ex-elementos do TEUC, entre os quais se destaca Ruivo Marins.

A sensação era nova para muitos de nós. Teresa Mota foi a caracterizadora. Cremes de base, lápis de caracterização para acentuar as linhas da cara e dos olhos, envelhecer nalguns casos, umas colas para colocar barbas e perucas foram cheiros e procedimentos estranhos mas que completavam as personagens que tínhamos ensaiado.

Quando o pano se abriu, as duas Barcas, a do Céu em tons de azul com os anjos liderados pela Sónia Branca e a do Inferno em tons escuros, que foram desenhadas por Antero Sobral, outro membro do TEUC, criavam um impacto numa assistência de convidados, docentes da Universidade, familiares dos actores e estudantes que se tornou magica com a extraordinária interpretação do Diabo por Jorge Mano, com "Á Barca, Á Barca Olé, que temos gentil maré!" apontando com a mão a assistência.

O espetáculo decorreu da melhor maneira com o Cipriano Justo como Fidalgo, o António Liça estupendo no papel do palerma, mas também a Zulmira, o Fernando Neves, o Andorinha, o Ajax Machado, o Luis Serpa dos Santos, o Branco, o Mário Resina, a Maria da Luz, o Melo Correia, o Cerqueira, o Carmo e outros que de memória posso ter esquecido.

Por trás das bambolinas Ana Maria Branquinho e Teresa Mota e todos nós torcíamos uns pelos outros sendo o ponto, creio, a Eunice Abreu.

Quando o Auto da Barca do Inferno terminou, a cortina caiu e irromperam os aplausos abraçamo-nos de contentamento.

No intervalo o Prof Veiga Simão, não escondendo a alegria e emoção que sentia irrompeu pelo palco abraçando-nos e a todos dando os parabéns, Eu, que só entrava na segunda parte do espetáculo como o Lavrador no excerto do Auto do Purgatório, mas que já estava

caracterizado e vestido com as indumentarias fui fortemente abraçado e felicitado com "Muitos parabéns! A sua foi das melhores interpretações".

Era uma expressão genuína do orgulho de Reitor no grupo teatral dos seus estudantes, e para o qual tanto se empenhara na criação e a quem deu o seu apoio sempre que pedido.

Perguntam-me porque não esperar pelos 50 anos para recordar esta estreia.

Eu direi que como é dito popular "**mais vale um pássaro na mão do que dois a voar**" e que só Deus sabe o que nos reserva o dia de amanhã...

Para uma história do TEUM seria interessante que outros colegas partilhassem as suas memórias deste dia do espetáculo inaugural do TEUM.

### Os Fundadores do TEUM

Todos os estudantes da ULM, bem como ex-elementos do TEUC e outros elementos que participaram no espetáculo inaugural do dia 20 de Novembro de 1965 foram considerados membros fundadores do TEUM. O número de membro do TEUM foi sorteado entre todos elementos que participaram no primeiro espetáculo tendo-se decidido atribuir o Nº 1 ao Reitor da ULM, Prof Doutor Veiga Simão.

### Pecas representadas:

20 de Novembro de 1965 - "**Auto da Embarcação do Inferno**", "**Monologo do Vaqueiro**", "**Suplica da da Cananeia** (do Auto da Cananeia)", "**Pranto da Maria Parda** (Fragmento)", "**O Lavrador** (do Auto da Barca do Purgatório)", todas de Gil Vicente. Encenações de Matos Godinho, com apoio de Ruivo Martins. Cenário de Antero Sobral com base nos cenários do TEUC. Maquilhagem de Teresa Mota (Ruivo Martins). Teatro Avenida, Lourenço Marques. Espetáculo integrado na Comemorações Nacionais do V Centenário do Nascimento de Gil Vicente. Foram realizados um total de 4 espetáculos tendo o ultimo ocorrido a 14 Dezembro de 1965.

21 de Marco de 1967. "**O Velho da Horta**", "**Quem tem Farelos**" ambas de Gil Vicente. Encenações de Matos Godinho. Figurinos e cenário de António Quadros. Maquiagem de Teresa Mota. Teatro Avenida, Lourenço Marques.

1967. "**O Velho da Horta**" e "**Monologo do Vaqueiro**" foram representadas num espetáculo para alunos, familiares e professores do Liceu Nacional Salazar, Lourenço Marques.

1967. "**O Velho da Horta**" num espetáculo cuja segunda parte era preenchida pelo cantor Carlos Guilherme, foi representada em Nampula, Mueda e Vila Cabral (duas sessões seguidas).

1968 "**Auto de El-Rei Seleuco**" de Luiz Vaz de Camões, com adaptação de Mário Barradas. Encenação de Mário Barradas. Maquiagem de Teresa Mota. Teatro Nacional, Lourenço Marques.

1969 "**O Avejão**" de Raul Brandão. Encenação de Mário Barradas. Cenário de Armando Lopes. Teatro Avenida, Lourenço Marques.

Março-Abril 1970 "**Ninguém Joga Mais**" de Carlos Manuel Rodrigues. Encenação de Carlos Cabral. Teatro Nacional, Lourenço Marques.

1970 "**A Véspera da Degola ou o Genesis foi Amanha**" de Jorge Diaz. Encenação de Fernando Gusmão. Teatro da Associação dos Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra, Lourenço Marques.

1970 "**No Alto Mar**" de Slawomir Mrozek. "**A Curva**" de Tankred Dorst.  
Encenações de Fernando Gusmão. Teatro Dica, Lourenço Marques.

1971 "**Noite de Guerra no Museu do Prado**" de Rafael Alberti. Encenação de Mário Barradas.  
Representação a porta fechada, Teatro da Associação dos Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra, Lourenço Marques.

1971 "**Medida por Medida**" de William Shakespeare. Encenação de Mário Barradas. Teatro Dica, Lourenço Marques.

Abril de 1972. "**A Fiorina**" de Ruzante. Encenação de José Manuel Peixoto. Guarda-roupa de Fernanda Martins Correia (Nandy Guedes-Pinto) com base em pesquisa de quadros de Bruegel. "**Os Candidatos**" de Martinez Ballesteros. Encenação de Henrique Guedes-Pinto. Teatro da Associação dos Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra, Lourenço Marques. "**O Urso**" de Tchekov?

Setembro 1972 "**A Fiorina**" foi representada em Inhambane.

1973. "**A Rosa e a Coroa**" de J. B. Priestley. Encenação de José Manuel Peixoto. Autoria de Engenharia da ULM, Lourenço Marques.



FOTO da "Auto da Barca do Inferno" com Zulmira no papel da Alcoviteira e Jorge Mano como o Diabo



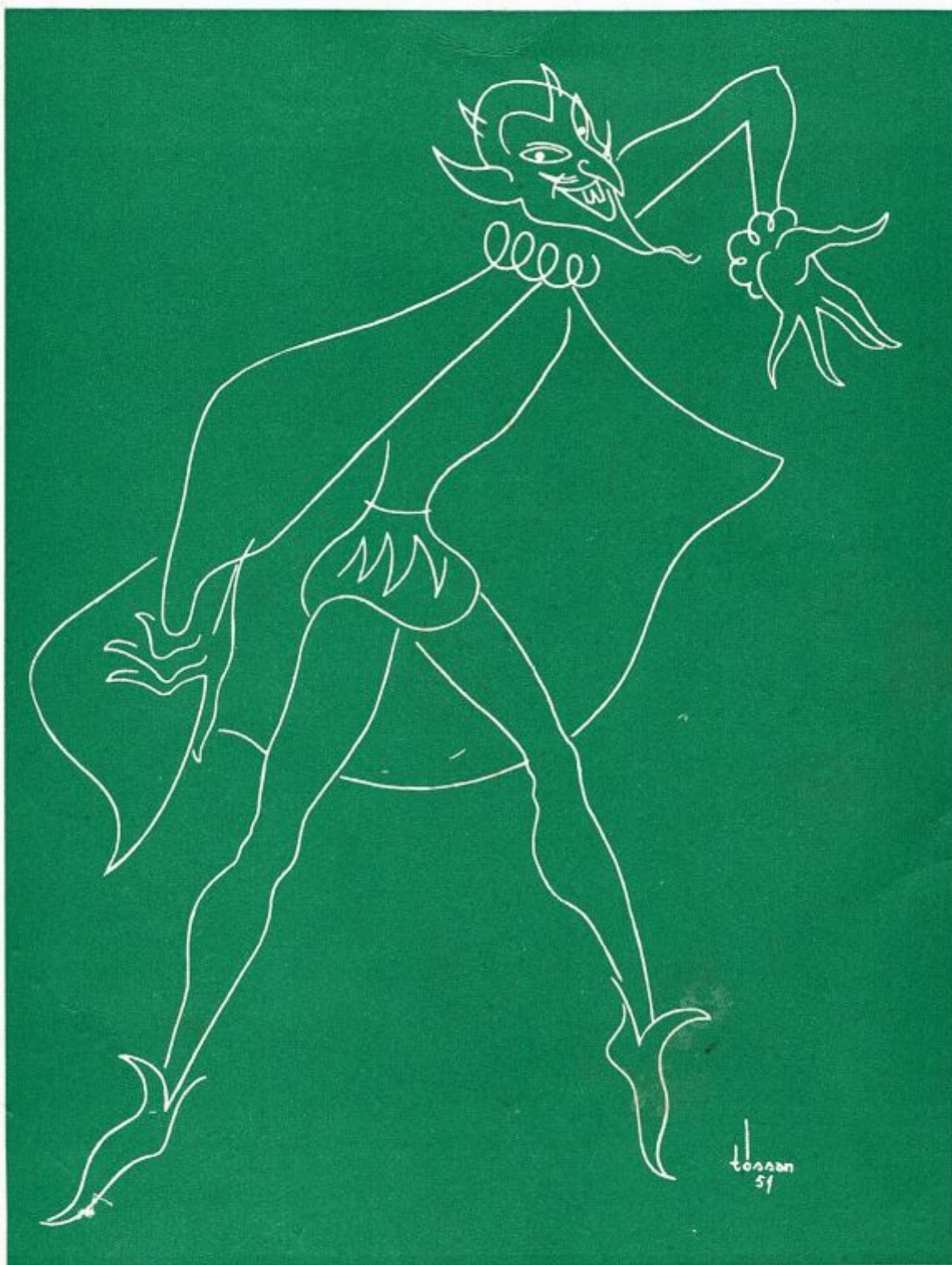


**O REITOR DOS ESTUDOS GERAIS UNIVERSITÁRIOS**  
E OS  
**DIRECTORES DO «TEATRO DOS ESTUDANTES UNI-  
VERSITÁRIOS DE MOÇAMBIQUE»**

TÊM A HONRA DE CONVIDAR V. EX.<sup>A</sup> A ASSISTIR  
AO PRIMEIRO ESPECTÁCULO DO T. E. U. M. QUE,  
INTEGRADO NAS COMEMORAÇÕES NACIONAIS DO  
V CENTENÁRIO DE GIL VICENTE, TERÁ LUGAR  
NO TEATRO AVENIDA PELAS 18 HORAS DO  
PRÓXIMO DIA 20 DE NOVEMBRO DE 1965.

TRAJE DE PASSEIO





O TEATRO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE MOÇAMBIQUE

*apresenta :*

O TEATRO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE MOÇAMBIQUE

APRESENTA O SEU  
QUARTO ESPECTÁCULO  
INTEGRADO NAS COME-  
MORAÇÕES NACIONAIS  
DO V CENTENÁRIO DO  
NASCIMENTO DE **GIL  
VICENTE**, COM A PRE-  
SENÇA DE 'S. EX.A O  
MINISTRO DO ULTRAMAR

---

A CRIAÇÃO DO TEATRO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE  
MOÇAMBIQUE E A REALIZAÇÃO DESTE ESPECTÁCULO FORAM  
POSSÍVEIS MERCÊ DO ESTÍMULO E PATROCÍNIO DOS ESTUDOS  
GERAIS UNIVERSITÁRIOS DE MOÇAMBIQUE, ATRAVÉS DO MAGNÍ-  
FICO REITOR, PROF. DOUTOR JOSÉ VEIGA SIMÃO.

---



## PRIMEIRA PARTE

### Auto da Embarcação do Inferno

REPRESENTA-SE na obra seguinte hũa prefiguração, sobre a regurosa acusaçam, que os Immigos fazem a todas as almas humanas, no ponto que per morte de seus terrestres corpos se partem. E, por tratar desta matéria, põe o Autor por figura que, no dito momento, ellas chegão a hum profundo braço de mar, onde estam dous bateis: hum delles passa pera a Glória, o outro pera o Purgatório. He repartida em três partes: sc. de cada embarcaçam hũa cena.

Esta primeyra he da viagem do Inferno.

#### FIGURAS:

DIABO, ARRAIS DO INFERNO  
COMPANHEIRO DO DIABO  
ANJO, ARRAIS DO PARAISO  
FIDALGO  
MOÇO DO FIDALGO  
ONZENEIRO  
JOANE, PARVO  
SAPATEIRO  
FRADE  
FLORENÇA  
BRIZIDA VAZ, ALCOVITEIRA  
JUDEU  
CORREGEDOR  
PROCURADOR  
ENFORCADO  
QUATRO CAVALEIROS  
ANJOS REMADORES



INTERVALO DE QUINZE MINUTOS

LOURENÇO MARQUES-TEATRO AVENIDA-ÀS VINTE E UMA



# PROGRAMA

## SEGUNDA PARTE

### I—Monólogo do Vaqueiro

PORQUANTO a obra de devaçcm seguinte procedeo de huã visitaçam que o Autor fez ao parto da muyto esclarecida Raynha Dona Maria, & nacimiento do muyto alto & excelente Principe Dom Joam, o terceyro em Portugal deste nome, se põe aqui primeyramente a dita visitaçam por ser a primeyra cousa que o Autor fez, & que em Portugal se representou, estando o muy poderoso Rey Dom Manoel, & a Raynha Dona (Leonor, sua irmã, & a Infanta Dona) Breytriz, sua mãy, & a Senhora Duqueza de Bragança, sua filha, na segunda noyte do nacimiento do dito Senhor.

PAUSA DE CINCO MINUTOS

### II—Súplica da Cananeia

(DO "AUTO DA CANANEIA")

ESTE Auto que adiante se segue fez o Autor por rogo da muyto virtuosa & nobre senhora Dona Violante, Dona Abbadessa do muyto louvado & sancto convento do mosteiro de Oudivelas; a qual Senhora lhe pedio que por sua devaçcm lhe fizesse um cuto sobre o Evangelho da Cananea. —

PAUSA DE CINCO MINUTOS

### III—Pranto da Maria Parda

(FRAGMENTO)

Por que viu as ruas de Lisboa com tão poucos ramos nas tavernas e o vinho tão caro, e ela não podia viver sem ele.

PAUSA DE CINCO MINUTOS

### IV—"O Lavrador"

(DO "AUTO DA BARCA DO PURGATÓRIO")

FIGURAS:

LAVRADOR  
DIABO, ARRAIS DO INFERNO  
COMPANHEIRO DO DIABO  
ANJO, ARRAIS DO CÉU  
ANJOS REMADORES

ORAS DO DIA CATORZE DE DEZEMBRO DE MCMLXV

## **FAZEM ESTE ESPECTÁCULO :**

Ajax Machado, Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Biscaia Branquinho, Dr. Antero Sobral, António Liça, Prof. Doutor Armando Simões de Carvalho, Artur Marcelino, Carlos Carmo, Carlos Ferreira, Cíntia Mesquita, Cipriano Justo, Eunice Maria de Abreu, Fernando Neves, Guedes Pinto, Dr. Gumercindo Correia, D.<sup>a</sup> Iva Sobral, João Branco da Fonseca, João Melo Correia, Jorge Albuquerque, Jorge Mano, José Gonçalves, José Lopes Pereira, Eng.<sup>o</sup> José Neves, Lígia Maria Barbosa, Luís B. Serpa dos Santos, Luís Pedro Cerqueira, Dr. Manuel Barreto, Maria da Luz Portugal, Maria da Luz Vidigal, Maria José Dias, Maria Paula Simões de Carvalho, Maria Teresa Gonçalves, Marieta Rebelo, Mário Sousa Dias, Dr. Matos Godinho, Orlando Gonçalves, Rui Madeira, Dr. Ruivo Martins, Sónia Luísa, Teresa Lopes, Dr.<sup>a</sup> Teresa Mota Ruivo Martins e Zulmira Branco, Filomena Varandas, Maria Antónia Portugal, Maria da Conceição Cecílio Gonçalves.

A encenação deste espectáculo apoia-se na actividade artística do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra e foi dirigido por um grupo de antigos elementos deste organismo.

Destaca-se e agradece-se a colaboração prestada pelos Senhores Director do Curso Médico-Cirúrgico dos EGUM e Reitor do Liceu Salazar e pelo Teatro de Amadores de Lourenço Marques, para a realização deste espectáculo.

**OS CENÁRIOS, GUARDA-ROUPA E CABELEIRAS SÃO DO T. E. U. M.**

# CERTIDÃO DE "NASCIMENTO" DOS TEATROS DE ESTUDANTES

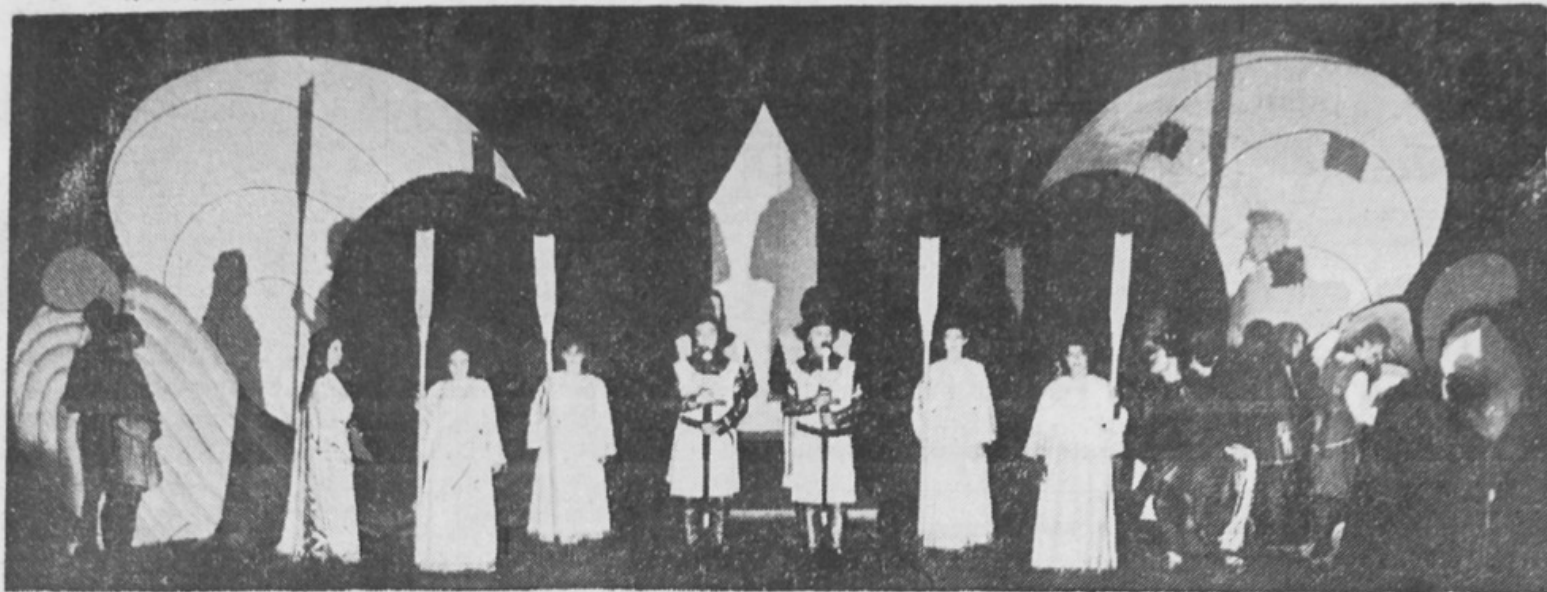
*Alvará de 16 de Outubro de 1546 determinando que o Professor da Regra mais alta do Colégio de S. Jerónimo fizesse representar anualmente na Universidade uma Comédia.*

Eu elRej faço sabr a vos padre Reitor Lemtes deputados / & comse-  
lheiros da vniuersidade de coimbra que p / allguas Justas causas que me  
a isto moue / ey por bẽ & me / praz que o Regente da Regra mais Alta  
do colégio de são / Jeronimo seja daquj em diamte obrigado a fazer / &  
Representar huã comedia e cada huã annõ nas escolas / ao tpõ q lhe for  
ordenado polo Reitor assy & da maneira / que tenho mandado que os  
lemtes da terceira & quarta / Regras de latinidade fação & Representem  
cada huã / sua comeedia E ey por bem que o dito Regente leve / & aja  
quimze cruzados em cada huã Annõ pera a Juda da / despesa da comeedia  
que asy ha de fazer / os quaes lhe / vos mandareis pagar no Recebedor  
das Rendas da vniuersidade asy como mando q se pague aos ditos lem-  
tes / da terceira & quarta Regras. & este nã pasaraa polla chã / Joam de  
seixas o fez e Samtarẽ a xbj doctubro de b- Rbj / Manuel da costa o fez  
sejver

Eu elRej faço sabr a vos padre Reitor Lemtes deputados / & comse-  
lheiros da vniuersidade de coimbra que p / allguas Justas causas que me  
a isto moue / ey por bẽ & me / praz que o Regente da Regra mais Alta  
do colégio de são / Jeronimo seja daquj em diamte obrigado a fazer / &  
Representar huã comedia e cada huã annõ nas escolas / ao tpõ q lhe for  
ordenado polo Reitor assy & da maneira / que tenho mandado que os  
lemtes da terceira & quarta / Regras de latinidade fação & Representem  
cada huã / sua comeedia E ey por bem que o dito Regente leve / & aja  
quimze cruzados em cada huã Annõ pera a Juda da / despesa da comeedia  
que asy ha de fazer / os quaes lhe / vos mandareis pagar no Recebedor  
das Rendas da vniuersidade asy como mando q se pague aos ditos lem-  
tes / da terceira & quarta Regras. & este nã pasaraa polla chã / Joam de  
seixas o fez e Samtarẽ a xbj doctubro de b- Rbj / Manuel da costa o fez  
sejver

Rey. : —

NOTÍCIAS 8/12/65



O final, de rara beleza, do «Auto da Barca do Inferno», há poucos dias levado à cena pelo TEUM

REBUSCANDO  
NA POEIRA  
DOS ARQUIVOS

# Lourenço Marques assistiu pela primeira vez em 1937

A UM ESPECTÁCULO DE TEATRO VICENTINO POR ESTUDANTES DO LICEU LOCAL



UM MOMENTO DO «AUTO  
DA CANANEIA

Os estudantes moçambicanos que, há poucos dias, realizaram em Lourenço Marques um festival vicentino iniciando, assim, as actividades do «Teatro dos Estudantes Universitários de Moçambique», com a colaboração de antigos estudantes de Coimbra, não foram os primeiros académicos que, naquela Província Ultramarina promoveram representações de autos de Gil Vicente.

Neste momento em que se comemora o V Centenário do Nascimento do Poeta com celebrações na Metrópole e no Ultramar, devemos também recordar as anteriores comemorações efectuadas em 1937, quando decorreu o IV Centenário da sua morte.

Efectivamente, foi a 13 de Novembro de 1937 que um grupo de estudantes do Liceu de Lourenço Marques, estimulado e orientado pelo seu professor dr. Torcato Gomes, celebrou condignamente a efeméride com um sarau que teve lugar no Teatro Gil Vicente, denominação esta que, só por si, já demonstra uma devoção vicentina que sempre existiu na capital de Moçambique.

Esta iniciativa do Liceu de Lourenço Marques ainda se reveste de maior importância pelo facto de se ter efectivado contemporaneamente da dos estudantes de Coimbra e de

**Por A. J. Soares**

(Continua na pág. 6)





Expressão, movimento e ritmo neste flagrante colhido durante o recente sarau Vicentino efectuado nesta cidade

## Espectáculo de Teatro Vicentino

(Continuado da última pág.)

não ter recebido destes, nem de qualquer outro grupo dramático escolar, ao tempo inexistente, a mínima influência ou sugestão.

Foi apenas por alvitre do seu professor, que também orientou a preparação do espectáculo de há vinte e oito anos, que os estudantes laurentinos interpretaram autos de Gil Vicente, realizando uma verdadeira festa escolar para ilustração das lições do programa e também para celebrar uma data importante na história literária portuguesa.

Sete meses depois, no Teatro Avenida de Coimbra, numa noite do fim de Junho de 1938, estreava-se o «Teatro dos Estudantes», também com um programa vicentino, num sarau motivado por diferentes razões das que moveram os académicos laurentinos e que seria o início de uma longa e louvável carreira de divulgação que, felizmente, se mantém.

O grupo de Moçambique, renascido vinte e oito anos depois com os universitários do «T.E.U.M.» tem a glória de poder ser considerado como pioneiro das representações escolares vicentinas, pois não sabemos de nenhum outro que, antes de Novembro de 1937, tivesse efectuado saraus com autos de Gil Vicente. E, ao contrário de todos os grupos de jovens que depois de 1938 se fundaram em Portugal para se dedicarem ao teatro, aquele conjunto liceal moçambicano, não beneficiou de qualquer influência directa dos estudantes de Coimbra.

O facto merece realce, para que fique agora bem patente certo aspecto positivo das comemorações de 1937 e, principalmente, para evidenciar o ambiente cultural português dos últimos anos da década

de trinta e que se mostrava tanto na Metrópole como no Ultramar.

As condições específicas da Universidade de Coimbra e a feliz oportunidade de os estudantes terem encontrado o Doutor Paulo Quintela, jovem professor culto e dedicado que orientou e tem mantido o nível artístico do «T.E.U.C.», têm faltado noutros lugares, explicando, assim, o êxito de Coimbra e o desaparecimento de grupos congêneres, às vezes nascidos com bons auspícios, mas que depressa morrem depois de uma vida efémera.

O sarau de Lourenço Marques, em 1937, teve a colaboração de um grupo de alunos do 3.º, 4.º e 5.º anos do Liceu, cabendo a Francisco Martins os principais papéis. Foi este aluno que recitou a interessante «Fala vicentina» composta ao gosto da época quinhentista pelo dr. Torcato Gomes, que recitou o «Monólogo do Vaqueiro» e que interpretou outro papel na «Exortação da Guerra». Além destes autos também foi recitado o Monólogo da Verdade (extraído do «Auto da Festa») pela aluna M. Eduarda Martins.

O Reitor daquele tempo era o dr. Eurico Cabral que no início da festa proferiu uma alocução sobre Gil Vicente e sobre o significado das Comemorações do IV Centenário da sua morte.

Neste ano de 1965, em que se festeja o nascimento do grande dramaturgo, também temos que nos regozijar com o renascimento de um grupo académico laurentino, que continua uma antiga devoção vicentina de Moçambique com a recente fundação do «T.E.U.M.», há poucos dias estreado em Lourenço Marques, com o alto patrocínio das autoridades universitárias e a valiosa colaboração dos antigos componentes do Teatro dos Estudos de Coimbra, agora radicados na capital daquela Província.

### NOTA SOBRE O AUTOR

A. J. Soares (António José Soares), nasceu em Coimbra onde fez os seus estudos e se formou em Direito.

Atento às coisas da sua terra é sem dúvida hoje dos que mais sabem sobre a história da Academia de Coimbra.

Ligado longos anos à vida do Orfeão Académico, vem acompanhando o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra desde a sua fundação em actividade constante.

O dr. A. J. Soares exerce a sua profissão de advogado, colabora em jornais e revistas e consegue ainda tempo para vasculhar as bibliotecas procurando, infatigavelmente, os segredos ali guardados referentes a Coimbra. Mantém, com outros, durante anos, a revista «Rua Larga» e vem publicando presentemente uma nova revista: «Saudades de Coimbra».

# O T. E. U. M. OFERECEU UM ESPECTÁCULO VICENTINO AO MINISTRO DO ULTRAMAR

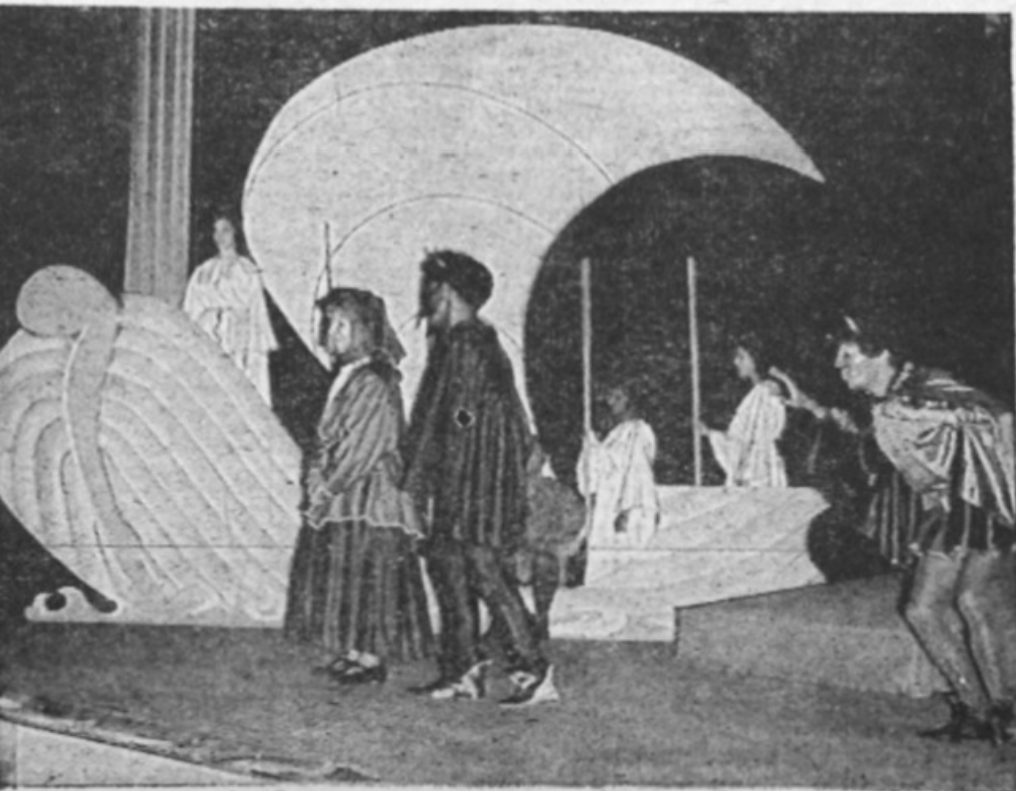
Novamente *aconteceu Teatro*, ontem à noite, no Avenida. O Teatro dos Estudantes Universitários de Moçambique resolveu oferecer ao Ministro do Ultramar uma reposição do espectáculo vicentino que há dias entusiasmou a capital. Prova sobeja do êxito e elevado nível da sessão, foi a casa absolutamente repleta e a permanência atenta de todos os assisten-

tes, apesar da avaria que se verificou no ar condicionado do teatro.

Entre as centenas de espectadores, e além do Prof. Silva Cunha, pudemos ver o General Costa Almeida, o Secretário-Geral Serpa Rosa, os Secretários, Dr. Francisco Maria Martins, Dr. Capucho Paulo, Eng.º Gomes Pedro, Dr. Andrade Silva, Eng.º Vaz Pinto, e ainda o Magnífico Reitor, Prof. Doutor Veiga Simão.

Foram cinco as peças apresentadas. Na primeira parte, iluminou-se a ribalta para o «Auto da Embarcação do Inferno»; a segunda parte foi constituída pelo «Monólogo do Vaqueiro», por um fragmento do «Pranto da Maria Parda», pela «Súplica da Cananeia» do Auto do mesmo nome, e pelo excerto «O Lavrador» do «Auto da Barca do Inferno». Todo o espectáculo decorreu com pleno acerto, o que leva a alimentar grandes esperanças, se não já certezas, no real valor do nosso Teatro Universitário.

Com a noite de ontem, Moçambique escreveu mais uma página brilhante neste V Centenário de Mestre Gil. Sua Arte é difícil e grande foi o esforço dispendido para a realizar. Se outros motivos não houvesse, que os há!, a dificuldade vencida bastaria para alinhar o TEUM num dos primeiros planos das comemorações nacionais realizadas.



Detalhe do «Auto da Embarcação do Inferno» ontem levado à cena pelo T. E. U. M.

15-12-1965

TRIBUNA

NOTÍCIAS 15/12/65



O MINISTRO DO ULTRAMAR, GOVERNADOR-GERAL, REITOR DOS ESTUDOS GERAIS, ESPOSAS, E OUTRAS ALTAS INDIVIDUALIDADES ASSISTINDO ONTEM À NOITE À RÉCITA VIVENTINA PROMOVIDA NO TEATRO AVENIDA PELO T. E. U. M.

(Notícia na Página de Espectáculos)

15/12/65 DIÁRIO



O Ministro do Ultramar, Professor Doutor Silva e Cunha, na companhia do Governador-Geral da Província e do Magnífico Reitor dos Estudos Gerais Universitários, quando ontem à noite chegava ao Teatro Avenida, onde o Teatro Universitário dos Estudos Gerais de Moçambique realizou uma récita em sua honra



# Espectáculo Vicentino

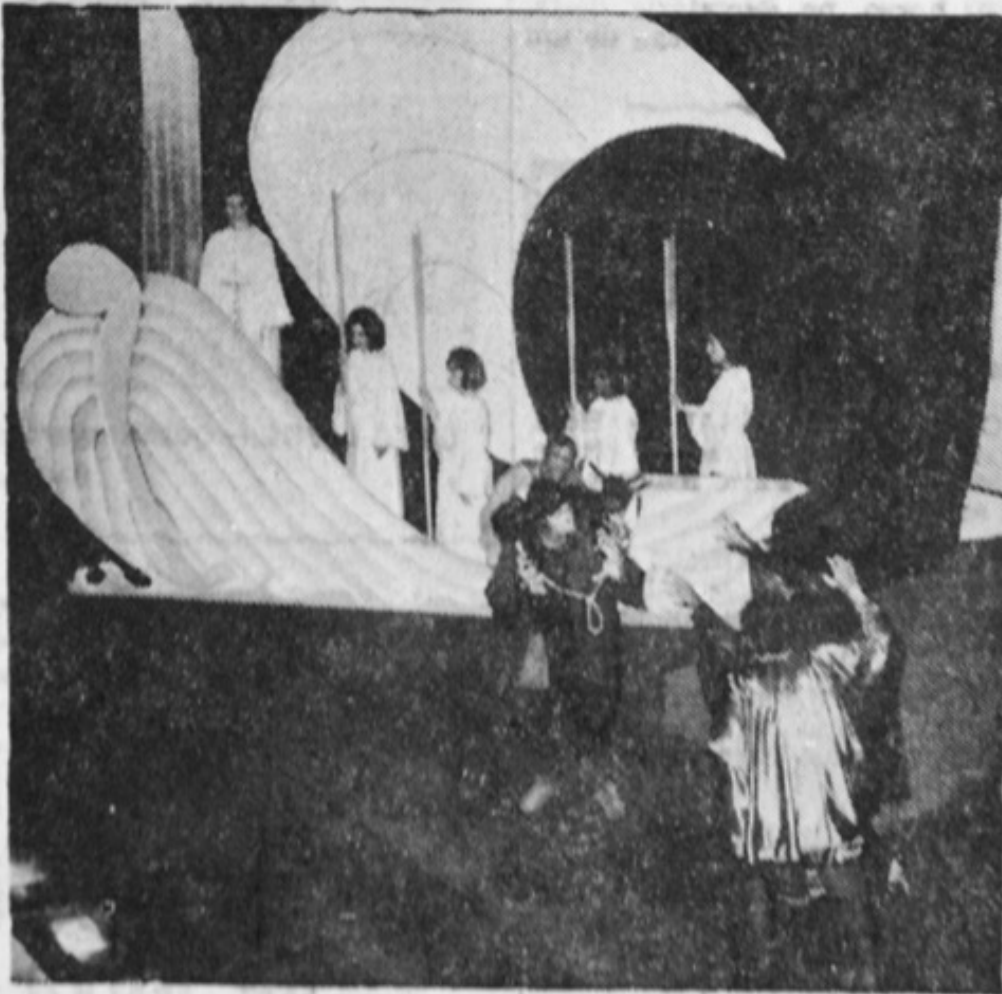
## com a presença

### do Ministro do Ultramar

Com a presença do Ministro do Ultramar, prof. dr. Silva Cunha, Governador-Geral da Província, general Costa Almeida, Secretário-Geral, Secretários Provinciais, Reitor dos Estudos Gerais Universitários e numerosa assistência, o T. E. U. M. levou ontem à cena, pelas 21 horas, no palco do Teatro Avenida, mais uma récita integralmente preenchida com teatro vicentino.

Do programa fazia parte o «Auto da Embarcação do Inferno», cuja interpretação ocupou toda a primeira parte do espectáculo. Na segunda parte foram interpretados o «Monólogo do Vaqueiro», um fragmento do «Pranto da Ma-

ria Parda», a «Súplica da Cananeia» e o «Lavrador» do «Auto da Barca do Purgatório».



Um expressivo momento da representação

**P**ARA terminarmos esta colaboração nas comemorações nacionais do V Centenário de Gil Vicente vamos hoje tecer algumas considerações às realizações já efectuadas e a algumas ideias que estão em vias de encontrar solução e se enquadram no período festivo que estamos vivendo.

Por todo o Portugal «pelo Mundo repartido» se ouviram os clamores de apoio que a ideia das comemorações a todos mereceu. As Comissões trabalharam ardorosamente e os números escolhidos vão surgindo num ritmo e num nível que nos deixam, desde já, adivinhar a valia da homenagem a Mestre Gil.

Moçambique também não poderia deixar de acolher a colaborar neste V Centenário do introdutor do Teatro em Portugal e através dos estabelecimentos de ensino, de todos os graus, está preparando aquilo que está ao alcance dos seus alunos e há-de, por certo, ser digno e elevado.

Mas os Estudos Gerais Universitários deram já a prova desse trabalho ao apresentar perante o Ministro da Educação Nacional, afinal a entidade à qual se devem as Comemorações, o seu Teatro. E fizeram-no com dignidade e com arte.

O agrupamento, muito equilibrado, bem ensaiado, vestido a rigor e com encenação à altura dos pergaminhos de outros agrupamentos similares das Universidades Portuguesas, deu já dois espectáculos com um programa vicentino e temos de lhe apresentar efusivas saudações.

Dessa crítica se encarregaram os especialis-

## NO V CENTENÁRIO DE GIL VICENTE

—O Teatro dos Estudantes dos Estudos Gerais Universitários de Moçambique  
—Gil Vicente e as crianças

tas dos diversos órgãos da Informação que foram unânimes na apreciação e nos louvores e, muito gostosamente, com eles fazemos coro. Parabéns aos universitários e àqueles que tornaram possível o surgir do T. E. G. U. M.

O programa dos dois espectáculos vicentinos com que colaboram nas Comemorações do V Centenário foi muito bem escolhido pois incluiu excertos de diversas obras de Gil Vicente, num desfile de encantamento e que, uma vez mais, demonstrou a oportunidade e a actualidade da obra vicentina.

Depois do Auto da Embarcação do Inferno, vieram o Monólogo do Vaqueiro, a Súplica da Cananeia, Pronto da Maria Parda e, a terminar, O Lavrador, do «Auto da Barca do Purgatório».

Não nos deteremos na apreciação crítica aos jovens artistas que no todo nos merecem, como já dissemos, os melhores louvores.

Numa época de materialismo em que tantos se perdem em utopias e escolhem para as horas de lazer precisamente aqueles prazeres que perdem a alma e o corpo, há ainda quem dedique ao espírito a atenção que merece e aqui

está como os nossos universitários do teatro estão «caminhando em bom caminho». Fazemos votos de que caminhem sem se arrependerem e sem arrefecerem no procurar do ideal que escolheram.

E ficamos à espera de novas iniciativas e de mais representações.

A Comissão Nacional do Centenário editou, por sua vez, um livrinho curioso e oportuno que se intitula «Gil Vicente e as Crianças».

Com um prefácio do Professor Paulo Quintela, da Universidade de Coimbra, a quem o seu Teatro muito e muito deve, tem trechos seleccionados por Maria Leonor de Carvalho Buescu e ilustrações de Tòssan, outro artista coimbrão que ao teatro vicentino tem dedicado muito da sua muita arte.

No prefácio se explica a razão do livro dedicado às crianças portuguesas pois «já vimos que foi o nascimento dum menino que fez nascer a sua primeira peça».

Na obra de Gil Vicente surgem muitas vezes as crianças e por serem elas muita da sua fonte de inspiração e termos necessidade de

através delas perpetuar uma obra e uma das mais extraordinárias das figuras portuguesas desse Século de Ouro — o Século dos Portugueses — se explica o aparecimento da pequenina obra.

Diz o Professor Paulo Quintela «E, pois, justo e conveniente que as crianças de Portugal aprendam a lê-lo e a amá-lo desde cedo, e foi pensando nelas e com esta intenção que se organizou e se mandou ilustrar o livrinho que aqui lhes é oferecido, no ano em que entre nós e o mundo se celebra o meio milénio do nascimento de um dos maiores Poetas — e o maior homem de Teatro — que a nossa terra nos deu: Mestre (grande Mestre) Gil Vicente».

O livrinho «Gil Vicente e as Crianças» tem a abrir «A Terra Portuguesa» seguida de «Pouca Gente e Muito Feito», «A Vida» (pastorinha ladina), «Castelos no Ar», com essa extraordinária figura que por Gil Vicente foi criada e tão oportuna se mostra ainda em nossos dias — Mofina Mendes —, «Cristianismo (Pai Nosso)», «Avé Maria», «O Menino que Vai para o Céu», «Pastores e Anjos», para terminar com «Romance dos Anjos Remadores» do «Auto das Barcas» ou «Barca do Purgatório».

E se os trechos escolhidos são sinceramente atraentes e próprios não queremos deixar de fazer uma elogiosa referência às ilustrações que dão perfeita ideia da época e do seu realismo. Louvores à iniciativa que as nossas crianças apreciarão.

E. CASTELO BRANCO

**A TRIBUNA**

ANO IV — N.º 1111

DIRECTOR

A. NAVARRO SOEIRO

PREÇO 2500

(LICENCIADO EM DIREITO)

Propriedade de SOCIEDADE DE IMPRENSA DE MOÇAMBIQUE (S. A. R. L.) EDIFÍCIO DAS ASSOCIAÇÕES ECONÓMICAS LOURENÇO MARQUES

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS: Rua do Rádio Clube — Rádio-Clube e L.ª andar TELEFONES — RED. 28033/8. ADMIN. 28037 CAIXA POSTAL 1222

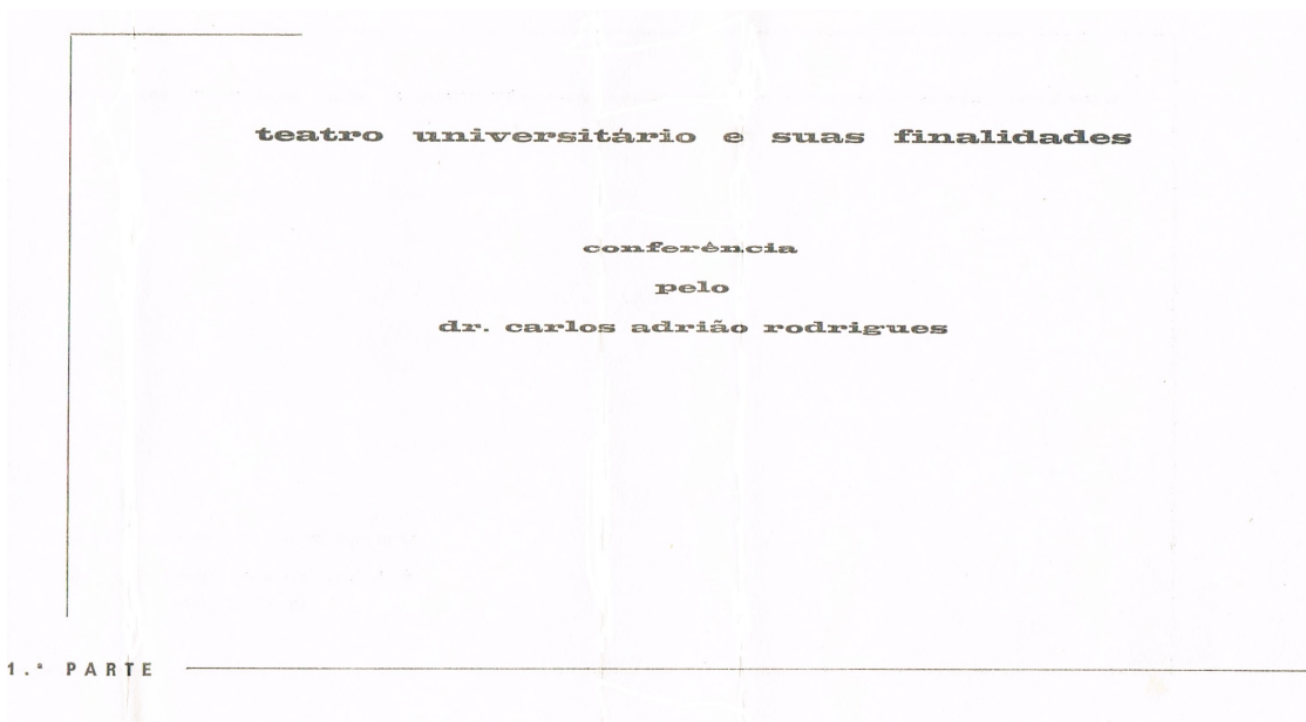
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PÁGINA 2

A TRIBUNA

10-12-1965

O Convite:



# o avejão

de RAUL BRANDÃO

*"...Tão próximo reconhecemos, como se de entre nós erguera, a voz atónita e fraterna de Raul Brandão".*

LUIZ FRANCISCO REBELLO

## FIGURAS

A V E L H A  
O A V E J ã O  
O SR. CAETANO  
T R Ê S V E L H A S  
A C R I A D A

2.ª PARTE

COLABORAM NA PEÇA:

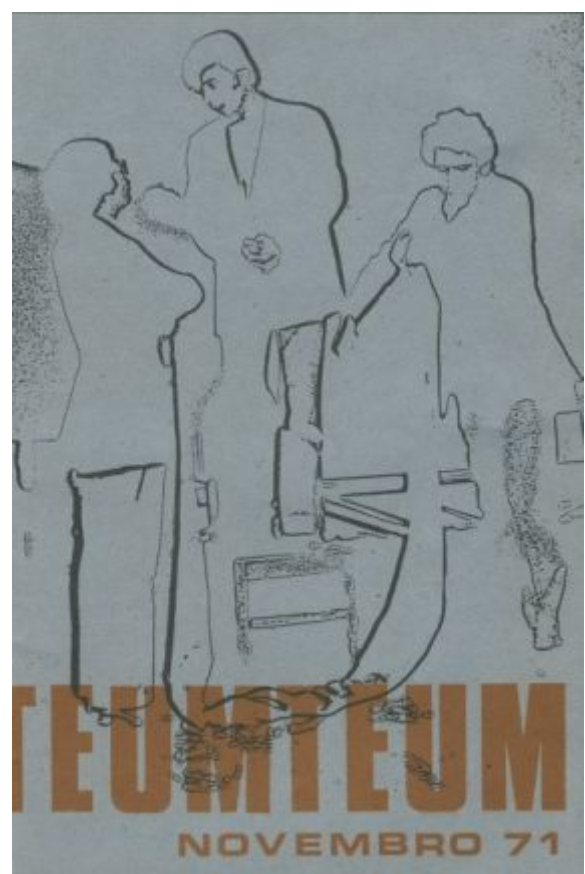
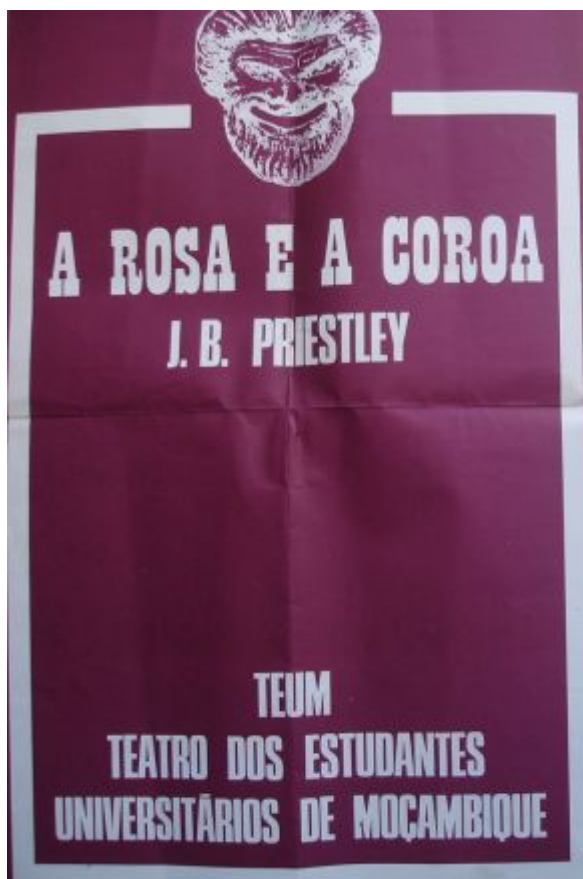
ANTONIETA SANTOS  
CARLOS BRAGA  
EUNICE MARIA  
FERNANDO NEVES  
FERNANDO RAPOSEIRO  
HENRIQUE GUEDES PINTO  
JOÃO BRANCO  
JOSÉ MORA RAMOS  
LÍGIA PINTO SÁ  
LOPES ALVES  
MARIA DA CONCEIÇÃO SANTOS  
MARIA ANTÓNIA PORTUGAL  
MÁRIO BARRADAS  
MARIA DA LUZ PORTUGAL  
PEREIRA DE MELO  
RICARDO BARRADAS  
RUI JORGE MAGALHÃES  
TERESA MOTA RUIVO MARTINS

EMOL

OFERTA









**TEUM**

TEATRO DOS ESTUDANTES  
UNIVERSITÁRIOS  
DE MOÇAMBIQUE

**TEATRO NACIONAL**

**ENCENAÇÃO DE  
CARLOS GABRAL**

**MARÇO-ABRIL  
DE**

**1970**



